



CARTA PARA SIMONE

Barbara Duarte Benatti¹

Brasília, qualquer dia e ano.

Querida Sra. Simone de Beauvoir, bom dia!

Posso te chamar só de Simone? É uma estratégia que eu acredito ser capaz de modificar a distância, o tempo, a lógica e tentar criar uma atmosfera de intimidade. Por isso, vou te chamar só de Simone. Que fique claro, não quero que você apareça como uma alma desencarnada para me dizer que a maneira certa de me dirigir a você é por “dame”.

Não faça isso comigo, vai ser assustador demais, tenho certeza de que irei gritar, acho que nem vou te ouvir e, outra coisa, eu não falo francês. Tenho medo dessa ideia de conseguir ver espíritos. Se não ficou claro, repito: por favor não faça isso! A minha intenção de lhe escrever é nobre, eu juro. Te escrevo para agradecer por ter me despertado a atenção para os feminismos, você foi a minha primeira leitura – inclusive depois tenho que mandar uma carta para a Rose Marie Muraro, a minha segunda leitura. Talvez a vontade de te escrever, seja a melancolia e o medo de morrer. Tem mais coisas acontecendo comigo, uma vontade de dizer para as pessoas encarnadas e desencarnadas, como elas são importantes e como eu as amo. Pode ser culpa do Gim Tônica que tenho consumido como se não houvesse um amanhã.

Simone, preciso te contar como foi inusitado o nosso encontro. Não sei se você tomou conhecimento, mas aquela sua célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” foi citada no ano de 2015 na prova do ENEM e causou a maior polêmica. O ENEM é um exame aqui do Brasil aplicado em todo território nacional para os estudantes do ensino médio, ele é usado como um instrumento de avaliação, mas depois de um tempo, serviu também para as pessoas entrarem na Universidade Pública.

¹ Graduada em Administração com ênfase em Hotelaria pelo Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB (2005). Licenciada em Educação Artística: Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília-UnB (2008). A monografia para a conclusão do curso, abordou a questão da inclusão das artes em oficinas terapêuticas no Centro de Atenção para usuário de álcool e outras drogas - CAPS ad. Pós-graduada com especialização em Hotelaria Hospitalar, pela Universidade de Brasília-UnB (2009), dando desenvolvimento a pesquisa iniciada na graduação, ampliando o repertório sobre a inclusão das artes no processo de recuperação. Mestre em Artes Cênicas (2017), pela Universidade de Brasília-UnB. A dissertação explorou o teatro de bonecos do Mamulengo e a inclusão das mulheres, ressignificando a brincadeira. O trabalho foi selecionado como melhor dissertação na área de linguística, letras e artes junto ao prêmio UnB de dissertação e tese do ano de 2017. Atualmente é membro do BASis do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anysio Teixeira. Pesquisa principalmente nos seguintes temas: teatro de bonecos popular do nordeste, mamuleng

Não seria exagero da minha parte dizer que a Internet parou. Quando você morreu, Simone, a Internet ainda não era disseminada para todos nós. Resumidamente, a Internet é uma rede de conexões globais que permite o compartilhamento instantâneo de dados entre dispositivos conectados – computadores, telefones, TVs. Mas acho que você já deve ter brincado de Internet, ou pelo menos ouviu falar, porque você morreu em 1986 e a primeira conexão entre computadores foi feita em 1969. Mas voltando sobre a polêmica da sua frase na prova do ENEM, ela aumentou ainda mais na prova do dia seguinte com o tema da redação: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Era só o que se falava nas redes sociais - que é tipo um negócio que a gente fica um tempão perdendo tempo, às vezes se entretendo vendo dancinhas em vídeos, outras se relacionando, reagindo com figurinhas de corações para as fotos que as pessoas publicam. Outras tantas vezes, a gente fica consumindo todo tipo de conteúdo: notícias, propagandas, reflexões, porcarias e etc.

Diversas pessoas polemizaram e contestaram a questão. O assunto rendeu, no domingo seguinte, naqueles típicos almoços de família, eu estava como que num palanque tentando argumentar com o meu irmão sobre o significado da sua frase. Mesmo sem ter lido o seu livro fui impelida a te defender. Eu tentei explicar o que você quis dizer, mas ele me interrompia, aí eu aumentava a minha voz. Dizia a ele que quando você fala “nos tornamos mulheres”, o que você quer dizer é que já existe, dentro desse modelo de sociedade uma imposição de subalternidade para nós, sobre como devemos ser e como devemos nos comportar. Puxa, Simone, eu falhei nesse dia. Não consegui dizer mais nada além disso. De qualquer maneira, graças a você, hoje eu entendo que esse dia foi sobre aqueles termos em inglês: *mansplaining* e *maninterrupting*.

Pois é menina, agora nós temos uns termos que resumem bem as coisas. *Maninterrupting* é quando um homem interrompe constantemente uma mulher de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase. *Mansplaining* é quando um homem dedica seu tempo para explicar algum assunto para uma mulher, de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender e comumente é algum assunto sobre o qual ela sabe mais do que ele. Meu ex-chefe já quis me explicar sobre as dores da cólica menstrual, foi hilário.

No meu trabalho, aconteceu o *maninterrupting* na hora do cafezinho, aquele típico encontro no intervalo na sala dos professores, sabe?! Meus ex-colegas de trabalho falavam que a prova era uma doutrinação do governo da então presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores, o PT. Eu tentava explicar o óbvio, que não era sobre uma doutrinação petista. Tentei dizer que é muito importante debater temas como a violência contra a mulher, falei do alto índice de mortes de mulheres por seus companheiros, contei até a história de vida da Maria da Penha. É bem capaz que você também não conheça a história dela, né?! Vou te contar rapidinho: a Maria da Penha sofreu uma tentativa de homicídio do marido e pai de suas três filhas. Levou um tiro nas costas que a deixou paraplégica. Na época, ela tinha 38 anos e as filhas eram bem pequenas. Chocante, não é mesmo?! E pasme, Simone! Essa não foi a primeira vez que o marido, um professor universitário de economia, tentou matá-la. Na outra tentativa, ele a empurrou da cadeira de rodas e tentou eletrocutá-la embaixo do chuveiro. A Maria da Penha levou o caso à justiça e demorou mais de 15 anos para ser definitivamente julgado, e você sabe quantos anos de pena ele cumpriu? É de dar um nó no estômago, Simone. Ele cumpriu apenas dois anos de prisão e hoje está em liberdade, dando palestras por aí. A Maria da Penha escreveu sua autobiografia que chama: *Sobrevivi...Posso contar*. Ainda não li, mas admiro muito o trabalho que ela realiza, você sabe que tem até uma Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher, batizada com o nome dela? Pois é, foi sancionada

pelo ex-presidente Lula, outro petista, em agosto de 2006. Uma grande vitória na vida das mulheres brasileiras, mas mesmo com a Lei em vigor, os homens continuam ameaçando e matando as mulheres.

Enfim, Simone... o negócio é que eu sempre me expunha, seja na minha família ou no meu ambiente de trabalho e lá, eu até ganhei o apelido de “A feminista.” Depois do golpe que a presidenta Dilma Rousseff sofreu, se tornou tão cansativo esse momento de café na sala dos professores... e olha que eu adoro uma prosa com café! Nossa Simone, outra coisa difícil de explicar foi esse Golpe, viu?! Algumas pessoas o chamavam de *impeachment*, mas na verdade foi um Golpe parlamentar articulado, com dimensões de preconceitos e estereótipos sexistas para deslegitimar a imagem da presidenta Dilma Rousseff. Eu fiquei tão chocada com o que as pessoas escreviam e compartilhavam nas redes sociais durante os protestos.

Sabe que a Dilma foi a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Brasil, ela foi eleita e reeleita neste mundo da política dominado por homens. E você nem imagina quanto as mulheres ainda buscam o direito à equidade. Engraçado pensar sobre o Golpe, porque de certa forma, você nos provocou a refletir sobre isso, né Simone? Você disse para a gente nunca esquecer que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os nossos direitos sejam questionados. Esses direitos não são permanentes, como você mesma falou. Sendo mulheres, temos que nos manter vigilantes durante todas as nossas vidas. Depois que tiraram a presidenta Dilma, muita coisa conquistada degingolou.

Eu tinha uma colega no meu antigo trabalho, era professora como eu, mas não pensávamos do mesmo jeito. Ela argumentava com muita certeza, dizendo que não existe opressão machista. Citava a própria dissertação de mestrado sobre empreendedorismo feminino e insistia em dizer que as mulheres transcenderam, independentemente de políticas públicas (dizia até que não precisávamos delas).

Para você ter ideia da confusão sobre a sua frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” na época do ENEM o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, rebateu aquelas críticas dizendo de forma otimista: “Quem sabe se conseguirmos discutir com transparência essa questão, possamos reduzir a violência contra as mulheres?”.

Logo após a prova, teve um promotor de Justiça do Estado de São Paulo, na cidade de Sorocaba, que causou outra polêmica nas redes sociais. Disse em tom de ironia: “Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista. Aprendam jovens: mulher não nasce mulher, nasce uma baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila. Só depois é pervertida pelo capitalismo opressor e se torna mulher que toma banho, usa sutiã e se depila”.

A repercussão dessa frase motivou uma nota de repúdio da Ordem dos Advogados do Brasil. Que coisa, né?! Ele te chamou de “baranga francesa”. Ba-ran-ga. Você tem noção do que é o termo? Se você olhar no dicionário ele vai te revelar: “de baixa qualidade; de pouco ou nenhum valor”. Está para além de uma noção estética de beleza prescrita às mulheres, é um jeito pejorativo e machista para desvalorizar a mulher. Se com uma frase numa prova você foi chamada desse jeito, imagina do chamaram a Dilma Rousseff?

Nessa época eu estava me separando, meus poros e ouvidos estavam mais atentos. Acho que por isso e por todo o resto, fui ler o seu livro *O segundo sexo*. “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” fico pensando que essa frase é como um gatilho e várias mulheres das mais diferentes posições, não só as militantes e estudiosas, passaram a repeti-la. Finalmente, elas se deram conta de que são como são não por conta do sexo com que nasceram, mas por uma série de restrições e imposições culturais. Ou como

aprendi com você: não é no momento do nascimento e da nomeação que o sujeito desponta como masculino ou feminino. O estabelecimento do gênero e da sexualidade se dá ao longo da vida, por um processo de construção de inúmeras instâncias para além da nossa realidade biológica, não é isso?!

E essa categoria sobre a qual você falou, o *outro*? Você exemplificou que os judeus são *outros* para o anti-semitas, os negros são *outros* para os racistas, os indígenas são *outros* para os colonos e, claro, as mulheres são *outros* para os homens. E a Grada Kilomba, uma pensadora negra, que leu o seu livro e teve um *insight*: a mulher negra é o outro do outro, ou como a Patrícia Hill Collins dizia “forasteira de dentro” [“*outsider within*”].

Eu mesma me dei conta de que também olho para quem é diferente de mim como outro. Só alguns dos exemplos do que você começou a nos provocar, Simone. Nós somos outros, coisas objetificadas. Pensar que tem até festa típica da região sul do meu país em que a mulher é chamada de “prenda”.

Você fala da relação entre homens e mulheres, nas bases da submissão e dominação. Me mostrou sobre a categoria de gênero, e falou bastante sobre a mulher não ser definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Significações hierarquizadas dadas às mulheres através do olhar masculino.

Aqui no Brasil tem uma cerveja com nome de “Devassa”, acredita Simone? Devassa é um adjetivo feminino que descreve aquela cujo comportamento denota vulgaridade, é a mulher depravada ou libertina. Por volta do ano de 2011, a marca contratou a cantora Sandy – considerada a namoradinha do Brasil – para fazer propaganda do produto. Ela aparece com um sorrisinho tipo o da Mona Lisa, aquela obra de Da Vinci, segurando uma latinha de cerveja e a frase era: “Todo mundo tem um lado Devassa.”

Ainda sobre “Devassa”, acho tão doido pensar que a marca também faz mais alusão aos nossos corpos com os rótulos: “Loura” (cerveja tipo Pilsen) “Ruiva” (Pale Ale), “Negra” (Cerveja preta), “Índia” (Ale britânica), “Sará” (Weiss). Que loucura é a objetificação dos corpos das mulheres, o exemplo dessa cerveja aí, é tão tosco e absurdo. No livro da professora Valeska Zanello *Saúde mental, gênero e dispositivos* ela dá mais exemplos de propagandas de cerveja para falar da objetificação do corpo. Outra marca, apresentou uma propaganda que a cena era uma moça negra de pele clara, dentro dos padrões ideais de beleza – bem jovem, corpo torneado de curvas, seios fartos e magra. Ela os servia como garçonete e os homens sentados numa mesa, diziam: - “Vem, verão!”

O trocadilho cômico era saber sobre o verdadeiro pedido: a mulher ou a cerveja. Depois, ainda falando das propagandas de cervejas, a Valeska propõe uma analogia do que ocorre com a gente, invertendo os homens em objetos eróticos: - “Traz uma tulipa grossa e comprida!” (fazendo trocadilho da tulipa com o pênis) ou uma marca de cerveja com um rótulo que se chamaria “Piroca”(outro trocadilho com pênis). A Valeska questiona como os homens se sentiriam e reagiriam se fossem bombardeados com propagandas desse tipo.

Vixe, Simone! Se eu começar a te contar sobre propaganda de cerveja, precisarei de muitas correspondências com você. Sabe que teve outra marca de cerveja que no Carnaval de 2015, soltou uma frase de efeito que era assim: “esqueci o meu ‘não’ em casa.” Olha que loucura a intenção do marketing dado por eles como “oportunidades” do Carnaval? Um estímulo ao comportamento irresponsável de beber, festejar além da conta, desrespeitar os próprios limites e o dos outros. Num país como o Brasil, em que a cada 10 minutos uma mulher é estuprada, uma frase dessas em uma propaganda é no mínimo constrangedor, não acha?!



Por essas e outras tantas coisas, Simone, você me impactou como uma Deusa. Tão perto das lendas, como diz aquela canção da Rosana:

*Como uma Deusa
Você me mantém
E as coisas que você me diz
Me levam além*

Me levaram além. Te confesso que ainda sentia uma inquietação estando afetada por toda a leitura do seu livro, precisava buscar uma outra Simone para além da Deusa do Feminismo. Fiquei querendo entender como você estava no momento em que escrevia essa obra. Queria saber quem era você. Não por você mesma, mas como outros autores te viam e descreviam. Como seria pesquisar sobre você, com todas as cartas e pistas que você nos deixou?

Busquei e encontrei outra Simone Beauvoir na autora Irene Frain no livro *Beauvoir Apaixonada*. Fui levada nessa barca meio romance e meio biografia. Mergulhei no momento em que você conheceu o Nelson Algren, perto de completar 40 anos e se sentindo velha. Como eu, me sentindo velha, tendo crises de choro e ansiedade. Confesso que adorei te ver assim, não mais como uma Deusa do Feminismo. Você era um ser humano como eu, um ser humano que escreve e lê cartas, que pinta as unhas, que se entorpece bebendo demais, que se emociona com as cartas que recebe, que se desequilibra, que sente ciúme e que se angustia quase que perdidamente por causa de uma paixão.

Sabe que penso na sua história com o Nelson, com tantas descrições de bairros miseráveis da cidade de Chicago nos Estados Unidos, lugares inusitados e interessantíssimos que serviram como cenário dessa história de amor. Acho que dava até para escrever uma pesquisa de mestrado em Turismo. De repente, esmiuçar a partir desse livro e também pelo viés da semiótica, como é estabelecida a imagem turística-literária e como ela pode influenciar na decisão de compra de um produto turístico. Ou sei lá, me imaginei uma guia turística, mostrando para os leitores-turistas, cada um dos cantos que você e Nelson exploraram naquela cidade. Neve com lama parece até nojento, mas tudo me deixou tão empolgada, que juro ser um tipo de sonho conhecer no inverno a cidade-cenário desse romance de vocês. Queria conhecer Chicago, mais do que Paris, engraçado né?!

Mas o meu encanto de turismóloga e curiosa mudou um pouco depois que li o *Tetê-à-Tête* da autora Hazel Rowley. Ali é um bocado da sua vida com Sartre e com todas e todos os amantes de vocês dois. Paris não me soou interessante nas descrições do livro. Achei meio esnobe e estranho, você passando tantas horas em cafés, morando em hotéis e sem ter uma casa para chamar de sua.

Preciso te dizer que senti um alívio por não ser sua aluna nesses tempos. Certamente eu iria me apaixonar por você e pelo Sartre. Fiquei pensando se eu seria envolvida nessa relação estranhíssima e bastante perversa que vocês estabeleciam.

Li o livro até o fim e decepcionada com vocês dois (eticamente falando). Um verdadeiro show de horrores as relações de poder que vocês tinham com as e os estudantes. E sempre tão jovens, né?! Que coisa, Simone. Mas não estou aqui para te julgar por esses acontecimentos, aliás enfatizo que a minha intenção é a de te agradecer. Não tenho informações para além desses dois livros que mencionei. Até fiquei com vontade de ler o seu livro *A Convidada*, mas achei perigoso continuar investigando a sua

vida quando na verdade eu te cito uma única vez na minha tese de doutorado. Mas me impactou mesmo quando você fala assim sobre a mulher apaixonada:

A mulher apaixonada tenta ver com os olhos dele; lê os livros que ele lê, dá preferência a música que ele prefere; só se interessa pelas paisagens que vê com ele, nas ideias que vêm dele; adota as amizades, as inimizadas, as opiniões dele; quando se questiona, é a resposta dele que tenta ouvir [...] A suprema felicidade da mulher apaixonada é ser reconhecida pelo homem amado como parte dele; quando ele diz “nós”, ela está associada e identificada com ele, compartilha do seu prestígio e reina com ele sobre o resto do mundo: nunca se cansa de repetir - até o exagero - esse deleitável nós. (ROWLEY, 2006, p. 55 apud BEAUVOIR, 1953, P. 653)

É como se o homem fosse uma piscina e ao vislumbrar uma relação, eu pulo de cabeça na potência de um salto ornamental. Na maioria das vezes, após esses saltos, saio da relação com um traumatismo craniano e fico totalmente debilitada.

Comumente meus saltos ornamentais são feitos em piscinas rasas e às vezes até em poças d'água. Meu padrão está na disposição em sempre pular de cabeça, mesmo que seja no vazio ou na mínima miragem de água.

Essa sua fala sobre a mulher apaixonada, Simone, me fez pensar sobre ser a pessoa certa, a metade da laranja, a tampa da panela e a alma gêmea de alguém. Eu tenho medo da ideia de que nunca serei verdadeiramente feliz se não existir a frase: “e viveram felizes para sempre”. Tenho dúvidas se essa frase é algo realmente meu ou dos inúmeros desenhos de princesas da Disney, filmes de amor romântico ou como sempre assisti no último capítulo de todas as novelas brasileiras. Os finais das novelas são com o evento do casamento da protagonista, para te falar a verdade, acho clichê e cafona. O paradoxo é que o desejo está enraizado num “feliz para sempre” com um homem, nunca sozinha.

A psicanalista e professora universitária Ana Suy diz no seu livro *A gente mira no amor e acerta na solidão* fala que esse mito de Aristófanes é uma furada, não tem pedaço nosso andando por aí e que a história de tampa da panela é uma cilada. Ela diz que a paixão combina com ritmo frenético e ensimesmado de vida, isso porque também é frenética e narcísica. Nesse estado de paixão a gente se sente identificado com o outro, ela até diz que nós inventamos a pessoa amada e idealizamos o outro.

A Elizabeth Gilbert no livro: *Comer, rezar, amar* (o livro fez o maior sucesso e vendeu mais de 4 milhões de exemplares e até virou filme) conta como fica quando está apaixonada. Se eu falo que acho que tenho uma espécie de miopia da paixão, ela diz que tem problemas de limites com os homens. Diz que é completamente tragada:

Sou como uma membrana permeável. Se eu amo você, eu lhe dou tudo que tenho. Dou-lhe o meu tempo, a minha dedicação, a minha bunda, o meu dinheiro, a minha família, o meu cachorro, o dinheiro do meu cachorro, o tempo do meu cachorro – tudo. Se eu amo você, carregarei para você toda a sua dor, assumirei por você todas as suas dívidas (em todos os sentidos da palavra), protegerei você da sua própria insegurança, projetarei em você todo tipo de qualidade que você na verdade nunca cultivou em si mesmo e comprarei presentes de Natal para sua família inteira. [...] Darei a você tudo isso e mais, até ficar tão exausta e debilitada que a única maneira que terei de recuperar a minha energia será me apaixonar por outra pessoa. (pg.74)

E no ciclo de ser tragada, só se recupera do caos causado pela paixão, partindo para outra paixão. O Jorge Larrosa no livro dele *Tremores: escritos sobre experiência* diz que a experiência é uma paixão. Primeiro, existe um sofrimento e que o sujeito passional não é agente, mas paciente que assume os padecimentos. Diz que a paixão vive uma liberdade dependente, fundada não nela mesma, mas na aceitação de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar. O

pulo do gato é quando o Jorge fala que na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Dessa forma, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado e alucinado.

De repente essa palavra “paixão”, carrega como diz meu professor Graça Veloso, uma “poeira cósmica”. Tipo o *karma* de ser etimologicamente derivado das palavras “sofrer” e “padecer”. Mas será que homens e mulheres, quando estão apaixonados, ficam diferentes? Agem diferente ou essa doença da paixão ataca a todos da mesma forma independente do gênero?

A Valeska diz que as mulheres aprendem a amar os homens e que eles amam muitas coisas. Então, acho que já respondi a minha pergunta. Sabe Simone, a Márcia Sensitiva que é uma mulher faladeira na Internet, ela disse uma frase em um vídeo no *Youtube* que era algo mais ou menos assim: “Toda panela tem sua tampa, mas será que você não é uma frigideira?”

Fiquei pensando sobre isso. A solteirice afeta homens e mulheres de forma diferente, porque a sociedade atribui valores diferenciados para os gêneros, né?! A Valeska falou no livro dela, que estar sozinha, é visto socialmente e por nós mesmas como “abandono”, como um “encalhamento” ou como ela mesma disse: “não ser boa o suficiente para ter sido escolhida.” Ela também diz que o casamento e a maternidade, ainda são vistos como um destino “normal” e que as mulheres acabam se casando com o próprio casamento.

Parece que a solteirice para os homens é vinculada a uma vida de aventuras, desprendimento e para as mulheres o significado social é outro. Sabe que tem até outro termo em inglês para o estado civil de solteira, no caso das mulheres? Chama *single shaming* isso porque a sociedade julga a mulher solteira como incapaz, porque ainda somos associadas à instituição casamento, família, lar e necessariamente a estar com um homem. Uma mulher não ter um homem ao seu lado é sinônimo de fracasso.

A Ecléia Bosi no livro *Memória e sociedade: lembrança de velhos* diz que a mulher solteira não tem projeção social. Daí ela conta que conheceu uma senhora que dizia em tom de brincadeira sobre uma escala social: “primeiro existe a mulher casada, depois a viúva, em terceiro lugar a desquitada, em quarto lugar a prostituta e em último lugar a solteirona”. Estou em terceiro lugar, desquitada e com dois filhos. Não sei quantos pontos ganho ou perco por ser uma mãe com esse estado civil: divorciada.

Na altura do campeonato, acho que entendi que essa passagem que você escreveu sobre a mulher apaixonada, dizia sobre mim, mas era sobre você. Como você disse: “esse deleitável nós” é um sinônimo de prestígio. É isso mesmo ou estou confundindo tudo? Era sobre como você via as mulheres e também se via? Por favor, lembre-se de não me responder!

Enfim, Simone acho que eu estou falando demais. Tudo isso é porque essas reflexões e afetações que por sinal, vieram todas juntas, começou em 2015 e olhando para esse ano, foi tudo muito latente. Eu costumo dizer que esse ano é o meu marco do meu encontro com os feminismos, não só por você e pela prova do ENEM, mas por tudo o que me aconteceu, que aconteceu com o Brasil e sobre como me despertei para investigar o meu campo de estudo.

Foi também em 2015 que eu entrei na Universidade de Brasília para fazer mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. E nesse mesmo ano, com tudo isso que te falei, o Mamulengo, o Babau, o João Redondo e o Cassimiro Coco, manifestações que fazem parte do que se entende como Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, foi nesse ano que foram reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional, como Patrimônio Imaterial do Brasil. Você sabe que a cultura material e imaterial são dois tipos de patrimônio que expressam nossas culturas e características. Assim, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste fala sobre práticas e domínios que se manifestam nesse saber, ofício, modos de fazer e acontecer. E olha que coisa mais engraçada, esse processo do reconhecimento, teve pesquisas de campo e documentais, resultaram em um Dossiê. Era um documento que apontava quantos artistas foram identificados e onde foram identificados. Olha só, Simone: No Ceará, foram identificados treze bonequeiros, todos homens. Na Paraíba, foram identificados quinze bonequeiros, também todos homens. No Rio Grande do Norte, foram identificados quarenta bonequeiros, dentre os quais uma única mulher, Maria Ieda da Silva, conhecida como Dona Dadi, da cidade de Carnaúba dos Dantas. Mestre Dadi já faleceu, de repente vocês até já se encontraram por aí do outro lado.

No estado de Pernambuco, dos vinte e sete bonequeiros identificados, três mulheres, todas brincantes da nova geração e residentes na cidade de Glória do Goitá. São elas: Tamires Silva, do grupo “Teatro História do Mamulengo”; Edjane Maria, a Titinha, do grupo “Mamulengo Nova Geração”; e Cida Lopes do grupo “Mamulengando Alegria”. No Distrito Federal, onde eu moro, foram identificados oito bonequeiros, há sete homens e uma única mulher, a Neide de Nazaré.

Na época, ver esses dados me despertou inquietações não só quanto à participação das mulheres, mas também sobre a forma como as personagens femininas são retratadas, considerando que o Teatro de Bonecos Popular se dá em um contexto bastante masculino. Olha só, Simone não parece que o tema da pesquisa me encontrou? E nos encontramos nesse contexto tão específico onde eu me afetava e pensava sobre ser mulher, sobre ser mãe, sobre o trabalho não remunerado e silencioso da manutenção e cuidado de um lar, o cuidado dos filhos e do marido.

Acho que se eu não tivesse passando pelo processo de um divórcio, não teria me incomodado com o fato de terem apontado poucas mulheres no material. Lendo aquele material, eu senti que precisava conhecer essas mulheres de Pernambuco.

O que é mais louco é que na altura do campeonato eu ainda tenho perguntas e já nem sei se é para serem respondidas. Será que além de não responder perguntas e até agora não saber qual é a minha tese de doutorado, poderia discorrer sobre algumas cenas do Mamulengo que abordassem um pouco dessas lamúrias que compartilhei com você, sabe?! Inclusive nesse tópico sobre como a sociedade enxerga a mulher solteira, tem uma cena que vai reforçar o que eu te contei. Chama “Nem Solteira, nem casada, nem viúva” eu até falo um pouco dela na minha dissertação de mestrado. São dois bonecos de Mamulengo: a Rosita, que é a filha do Capitão João Redondo, que está respondendo ao Delegado:

Delegado: Ô Dona Rosita!

Rosita: Sinhô, seu Delegado.

Delegado: Me diga uma coisa, minha filha, você é casada?

Rosita: Sou não sinhô.

Delegado: Você é noiva?

Rosita: Sou não sinhô.

Delegado: Você é viúva?

Rosita: Sou não sinhô.

Delegado: Você tem pai?

Rosita: Tenho.

Delegado: Como é que se chama seu pai?

Rosita? Papai é Capitão João Redondo.

Delegado: Me diga uma coisa, onde está ele?

Rosita: Está em casa.

Delegado: É? Diga a ele que quero falar com ele. Como é que tem uma filha que não é casada, não é noiva e nem viúva, não é nada e anda pela rua! Que diabo é você?

Rosita: Sou mulhé.

Delegado: Mulhé como, como é que você é mulhé?

Rosita: Por que eu não sou casada, nem amigada e nem viúva. Sou uma mulhé.

Delegado: Ah, não posso compreender não (...)

Tá vendo, Simone? A comicidade dessa cena é construída sobre a visão misógina de um homem que não consegue categorizar e nem compreender como uma mulher solteira caminha livremente pela rua, afinal: “Que diabo de mulher é essa que não é casada, não é noiva, nem viúva, tem pai e anda só pela rua?”. Esse pequeno diálogo nos mostra uma evidência da vinculação da identidade da mulher à sua relação com algum homem. Tem outra pesquisadora, a Patrícia Dutra que diz que os significados das estórias e ações no Mamulengo reverberam também o modo como as atividades sociais são aprendidas e como foram gradualmente construídas através das experiências cotidianas dos fazedores dessa arte. Acho que você vai concordar comigo, Simone: qualquer que seja a demonstração artística, ela vai ter possibilidade de se comunicar por uma posição transformadora ou de uma maneira conservadora, não é verdade? Dessa forma, a brincadeira, a propaganda, os filmes e tudo mais, vão se ancorar e verbalizar os valores que estão presentes e solidificados na sociedade. Tá aí a explicação do último capítulo da novela, da cerveja sexualizando o corpo da mulher. Tudo isso está ancorado nos valores de uma sociedade patriarcal, ou seja: a cultura, as estruturas e as relações favorecem aos homens (diga-se de passagem, que é o homem branco, cisgênero e heterossexual)

São tantas perguntas sem respostas que para te falar a verdade, eu nem sei como continuar investigando o Teatro de Bonecos Popular. São muitas afetações sobre outros assuntos que eu já não sei mais nada, nem do que fazer, nem como fazer e muito menos por onde começar e quando terminar. Será que estou enlouquecendo? Escrevendo carta para uma pessoa morta. Agora estou naquela dúvida que em algum momento precisa ser respondida: Qual é a minha tese? Mas essa lamúria sobre o doutorado eu deixarei para te contar em outra carta. Essa caminhada, esse despertar para um assunto que parece que não fazia parte da minha vida, antes de 2015, mas ao mesmo tempo sempre esteve presente caminhando comigo. O mais engraçado disso tudo é que agora não tem como “desver” ou mesmo “desaprender”, não dá mais para ser o que eu era antes de ter te conhecido, Simone. Quero dizer, a gente nem se conhece, te conheci muito pouco, falta muito para saber mais sobre existencialismo, sobre suas obras e me aprofundar no seu pensamento. E por ora, nem quero e nem posso fazer isso.

Desculpa, mas é que é muito grande a fila de mulheres que tenho para conhecer, na prateleira dos livros as autoras feministas. Essa prateleira não para de crescer e a cada encontro, vem um renascimento pós-leitura. A Grada Kilomba foi um pouco assim, eu morri e renasci me entendendo uma mulher parda (ou negra de pele clara, confesso que ainda não entendi muito bem), isso porque eu passei muito tempo achando normal enaltecer a minha ítalo-descendência. A Valeska Zanello foi quase como uma surra na minha cabeça, sobre os nossos processos de subjetivação – o dispositivo amoroso e o materno. Ainda tem os três livros da bell hooks da *Triologia do Amor* que eu ainda nem terminei de ler, tem duas Silvias Federici paradas na estante. Essa daí é uma leitura densa, para eu compreender o feminismo anticapitalista. A Silvia, analisa o capitalismo e as



relações entre trabalho assalariado e reprodutivo, dizendo de forma crítica que o corpo das mulheres é a última fronteira do capitalismo. Será que você teve tempo em vida para conversar com a Silvia? Ela também tem uma frase que todo mundo repete: “O que eles chamam de amor nós chamamos de trabalho não pago”.

Outro livro parado na minha prateleira de autoras feministas é a Mary Del Priori, que tá doida para me contar as histórias das mulheres no Brasil, também tem a Guaciara Louro, para me contar sobre gênero, sexualidade e educação. Tem também a Conceição Evaristo, a Sueli Carneiro, a Judith Butler que também só li até a metade. Ainda ontem chegaram aqui em casa as mulheres da coleção *Feminismos Plurais*: Juliana Borges, Letícia Nascimento, Alessandra Devulsky, Joice Berth, Carla Akotirene e a Djamila Ribeiro. Acabei de encomendar o livro da Carla Antloga sobre trabalho feminino no Brasil.

São muitas mulheres e parece que esse aprendizado todo, não tem fim. E como eu te disse, a cada leitura eu me sinto um pouco como aquele pássaro da mitologia grega, a Fênix: eu morro, viro pó e ressurjo das cinzas. E apesar de poética a cena dessa ressurreição, te digo que não é nada fácil, pelo contrário: a morte me dói e ressurgir com um novo pensamento, dói mais ainda. É como se eu surgisse nova para viver o velho.

Mas vou parar por aqui, Simone. Só escrevi essas linhas mesmo na intenção de te agradecer pela sua célebre frase: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Obrigada por ter me ajudado no despertar.

Beijos, Barbara.

REFERÊNCIAS CITADAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENATTI, Barbara D. **Mulheres Mamulengueiras – um Estudo de Caso em Glória do Goitá-PE**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 1. Ed; São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BROCHADO, Izabela. **Dossiê Interpretativo: Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: Minc; Iphan; UnB; ABTB, 2014.

FRAIN, Irène. **Beauvoir apaixonada**. Tradução de Marisa Rosseto. 1. ed. Campinas, SP: Versus, 2013.

GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar, amar**. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed.. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MURARO, Rose Marie. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

ROWLEY, Hazel. **Tête-à-Tête**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

Matéria sobre o ENEM disponível em:
<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/10/26/enem-2015-teve-show-de-atrasados-polemica-sobre-feminismo-e-prova-exigente.htm>

Matéria de 30/10/2015 sobre o promotor e professor Jorge Marum e a nota da OAB disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/10/promotor-causa-polemica-ao-dizer-que-mulher-nasce-baranga-francesa.html>